

2

Abayomi



Figura 3- Boneca Abayomi

2.1

Lena e sua arte de designar

A maranhense Lena Martins recorda seu universo familiar na utilização de tecido na criação de peças quando se via rodeada dos retalhos trabalhados por sua mãe costureira. A primeira boneca é confeccionada junto a crianças quando Lena trabalhava como animadora cultural no CIEP Luis Carlos Prestes na Cidade de Deus, RJ há mais ou menos dezessete anos.



Figura 4- Lena Martins vestindo o boneco Omulu

A importância do universo popular em nossa cultura foi colocada de diferentes formas ao longo da história, na tentativa de situar o seu lugar, seu universo e sua estética na identidade nacional. A criatividade é capaz de dialogar com conceitos culturais que orientam seu meio, são os artesãos tradutores refinados do universo de sua cultura, com traços individuais onde se percebem personalidade e também o improvisado.

Quando falo do improvisado, quero dizer que assim como a vida social está em permanente transformação, as influências para a confecção das peças se apresentam e se formam para o artesão que as elege e as utiliza.

Como a própria vida, o fazer artesanal é o propósito de uma atividade auto-sustentável, e é ainda a poética do prazer em fazer e a constante reinvenção de tradições. Design vernacular é uma

expressão que nos remete à origem da palavra inglesa design, do latim designare, marcar, traçar, ordenar, imaginar; do francês dessinger, “plano mental”, “propósito”.

No âmbito do design industrial, a criação de um determinado objeto vai da configuração mental do mesmo à sua execução real; no universo popular há a mesma intencionalidade, mas o objeto surge do fazer, do manuseio dos materiais que então leva à concepção da peça enquanto projeto. A arte popular contemporânea brasileira apresenta um intenso processo de criação que dialoga com a situação de vida daqueles que lhe dão origem. Valores culturais e sociais são reinterpretados e compartilhados por um número cada vez maior de brasileiros, entre eles, os artistas populares que são portadores de um significativo saber cultural, pois traduzem conscientemente suas criações a realidade histórica, vivenciando, agindo, reagindo e refletindo sobre ela. Quando um artista popular confecciona bonecos mamulengos com panos, fitas, madeira e narra com este uma história consagrada ou inventada, encontramos o significado que tem a arte popular para os que a produzem e os que a apreciam.

2.2

A história e a atuação da cooperativa

Em todas as obras de arte, em qualquer das artes, o artista usará concomitantemente as ordenações de grupo e as de campo; em sua linguagem se complementarão ao mesmo tempo aspectos intelectuais e sensuais da experiência. Como ordenações de grupo, havemos de reconhecer um padrão coerente segundo o qual se determina a dinâmica da obra, nas proporções e no ritmo dos vários componentes (componentes e intervalos), ao passo que através de ordenações de campo se configura a especificidade material da obra em termos de sua existência concreta e única.(OSTROWER, 1977)

Fundada em 1988 pela artesã Lena Martins em um momento em que o movimento negro estava se organizando para a marcha dos 100 anos de abolição, em que a questão ecológica estava se popularizando e a produção de artesanato nas feiras utilizava cada vez mais materiais de refugos industriais, surge a Cooperativa *Abayomi*, palavra do idioma Yorubá¹ que significa

¹ Em Rossini Tavares de Lima (1972) no livro *Abecê do folclore*, Artur Ramos aponta que sobreviveram no Brasil as seguintes culturas africanas: Sudanesas, representadas pelo grupo Yorubá ou Nagô, Gêge, Mina ou Fanti-Ashanti e

meu presente (tempo) e intitula esse grupo de ações e reflexões que segue criando bonecas negras de pano sem cola ou costura.

A Questão da valorização do negro ou da “eliminação da discriminação racial”, como sugere Lena, e da participação do negro na sociedade brasileira é de extrema importância para essas mulheres. A produção Abayomi apresenta em quase todas as peças gráficas a frase: *fortalecendo a auto-estima do povo negro*. Considero essa questão, que passa pela brutalidade pela qual grupos eram submetidos no período do tráfico negreiro; a escravidão; o deslocamento social e a enorme zona periférica que hoje, em muitos casos, a população negra ocupa, muito importante e muito delicada. Não é a questão que guia o meu estudo, mas é a questão que guia a cooperativa, e por isso ao longo do texto estão citadas situações em que as escolhas feitas pelas artesãs na produção de significados e na produção das bonecas são direcionadas a essa reflexão.

Através de um trabalho social e humanitário, a Cooperativa Abayomi atua junto aos movimentos negro, estudantil, sindical e religioso, junto a profissionais de saúde, educação, a artistas em geral. A cooperativa integra a rede nacional de direitos reprodutivos, a rede contra a violência à mulher e a rede de mulheres negras latino-caribenhas.

A Cooperativa Abayomi reúne mulheres educadoras, artistas, psicólogas, terapeutas, que organizaram um grupo de trabalho, acreditando na retomada do hábito de produzir objetos artesanais na utilização da arte popular como instrumento de conscientização e socialização do indivíduo, desenvolvendo uma identidade visual nos amarrados e nós e na reutilização das sobras de malhas.

No segundo semestre de 2004 acompanhei um encontro *abayomi* que aconteceu na sede do grupo *Céu na Terra* em Santa Tereza, RJ. Estiveram juntas as artesãs Lena, Luiza, Cristiane,

Bantus, compreendendo negros do grupo Angola-Conguês e Contra-Costa, inclusive o Moçambique; Guineano-Sudaneses Islamizadas, integradas pelo grupo Pehul (Fulah ou Fula), Mandinga, Haussá e outros. Destas culturas, porém, as que mais profundos traços deixaram no sentir, pensar e agir espontâneos das coletividades rurais e urbanas brasileiras foram as Sudanesas, com o domínio do Yorubá, e as Bantu, através dos Negros de Angola, Congo e Moçambique. Os africanos do grupo Yorubá ou Nagô são originários do sul da Nigéria, de uma região que se chamou Costa dos Escravos, por haver se tornado importante centro de tráfico escravocrata. Designam-se eles pelo nome de Yorubá, porque assim era chamada a língua que falavam e o reino a que pertenciam, e Nagô, também vocábulo do idioma desses negros, por ser usado, há muitos, pelos franceses para denominá-los. Consta que o maior contingente do grupo Yorubá ou Nagô foi introduzido na BA, mas também a PE, MG, RJ, SP etc. Na cultura espiritual brasileira muito ficou de sua religião que é considerada como “uma mitologia complexa, um panteon de deuses principais e intermediários, uma teoria de sacerdotes e sacerdotisas do culto, um cerimonial altamente organizado”. E esta, ainda agora, se manifesta nos candomblés da BA, xangôs do PE, batuque de PA, macumbas do DF e terreiros e tendas de umbanda de SP.

Shirley, Angélica, Vera, Joana, Bete, Flávia, Zeza e Sônia; as secretárias Ariane e Cláudia e a Isa, filha da Lena, fazendo boneca também.

Estive junto ao grupo fotografando a produção, vestindo uma boneca, cantando a Toada de Boi que reverenciava Nossa Senhora Aparecida que elas ensaiavam para a festa do Calendário 2005, e observando o processo da Lena ao vestir o boneco Omulu a ser fotografado também para o Calendário 2005.

No contato com esse grupo percebi que o processo do fazer Abayomi gira em torno de uma proposta, e é uma oferenda. Desde a forma com dispõe os materiais no centro da roda ao gestual das artesãs, à atenção para criação das peças. A estima pelo resultado a que se propõem as artesãs, reflete em uma boneca exclusiva não só na técnica, mas principalmente na intenção.



Figura 5- Lena confeccionando o Boneco Omulu e o grupo ao fundo



Figura 6- Artesãs em roda de relaxamento e preparo corporal



Figura 7- Dia de trabalho na sede do grupo Céu na Terra, Santa Teresa, RJ



Figura 8- Dia de trabalho na sede do grupo Céu na Terra, Santa Teresa, RJ



Figura 9- Zeza



Figura 10- Angélica



Figura 11- Bete



Figura 12- Cristiani



Figura 13- Flávia



Figura 14- Luiza



Figura 15- Sônia



Figura 16- Shirley

No dicionário do folclore brasileiro (CASCUDO, 2001), Arte, está na classificação dos fenômenos folclóricos, abrange desde os objetos ornamentais que têm a função de enfeitar, aos objetos religiosos. Ela apresenta pontos de contato com a arte primitiva e influências dos aspectos políticos, geográficos e culturais e através dos recursos do meio em que vive. Com habilidade e criatividade, o artista costuma revelar a alma do povo que o rodeia.

A arte popular é capaz de gerar uma escola que não é a escola formal, mas a escola da vida. O aprendizado é adquirido através dos interesses e surge como uma opção de sobrevivência muito bem adaptada em um meio urbano pós-industrial.

Canclini (1998) afirma que o produto gerado por classes populares costuma ser representativo da história local e adequado às necessidades presentes do grupo que os fabrica. Fato é que quem vê uma peça figurativa ou não, representativa ou não, de algum contexto social e cotidiano poderá fazer referências com sua própria história, pois objetos sempre nos “falam”, nos trazem memórias e ambientes.

Raymond Williams (em CANCLINI, 1998) aponta o arcaico, o residual e o emergente em oposição ao tradicional e ao moderno. Segundo o autor, o arcaico pertence ao passado e é reconhecido como tal por aqueles que hoje o revivem. O residual formou-se no passado e se encontra em atividade dentro dos processos culturais e o emergente designa os novos significados e valores, novas práticas e relações sociais.

O que encontro nessa cooperativa, nessa prática, principalmente na figura da Lena, é o reconhecimento na própria história das questões e princípios que são elaborados, processados e devolvidos em forma de design de boneca negra de pano para a sociedade. O processo de trabalho incorpora o presente, articula para além dos princípios (operando com eles) os significados recentes, gerados por práticas inovadoras na produção cotidiana. Isso é “abayomi”.



Figura 17- Lena na sede da cooperativa que é também sua casa apresentando suas bonecas



Figura 18- Materiais como Lycra e malha preta

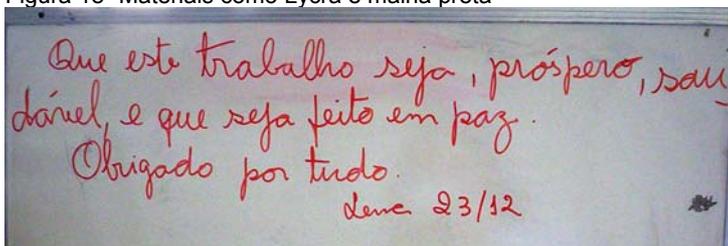


Figura 19- Mensagem às artesãs escrita por Lena, Natal de 2005



Figura 20- Esta foto da cavaquinista Cristiane Cotrim está em uma das paredes da cooperativa e retrata o assentamento de terra - Cantagalo - Macaé - RJ, e vem acompanhada do seguinte recado escrito por ela: "Espero sinceramente que o trabalho da Abayomi contribua para reverter, ao longo do tempo, parte dessa dura realidade. Boa Sorte, Cris."

No canto, no gesto, no passo, guarda um povo, expressa um povo, seu saber e seu contar. Cantos, danças, histórias, licenças pra chegar e partir, bandeiras e foliões apresentando seus saberes, seus jeitos de recontar nossa caminhada, celebrar o novo que um dia será tradição, será saudade, sentido, será novamente presente, novamente celebração. O contar e o ouvir, juntos, no meio da rua. Porque em cada toada cantada está guardada a voz de quem cantou”. (Edmundo Pereira, músico e antropólogo)²

A Cooperativa Abayomi concentra hoje algumas “frentes” de trabalho como a apresentação do *Cortejo Brincante Abayomi*, um espetáculo teatral de rua, com calunga*, estandarte*, onde mulheres de várias gerações se movimentam com suas fartas saias, usando no brinqueado poesias, parlendas*, trava-línguas*, receitas e simpatias*, cantando canções de trabalho, acalantos, cirandas e cantos de louvor que estimulam a memória afetiva através das lembranças da infância. Durante a brincadeira, o público é ofertado com uma flor de pano que este mesmo confecciona a partir da técnica Abayomi. O cortejo traz elementos presentes no imaginário popular brasileiro: cantos, folguedos*, banho de cheiro*, adivinhas*, versos e trovas. Esta apresentação em cortejo foi concebida em um momento em que a cooperativa estava se recuperando do incêndio na sede da Rua do Mercado, 45 no Centro da Cidade, RJ, em 1999 que queimou todo o seu acervo e instrumentos de trabalho. Nesse contexto o *Cortejo Brincante Abayomi* “girava” a poeira e reacendia a força e a união da equipe.



Figura 21- Registro do fotógrafo Celso Pereira do Cortejo Brincante Abayomi no Parque das Ruínas, Santa Tereza, RJ

² Edmundo Pereira é músico e doutor em Antropologia pelo Museu Nacional. Ele acompanha o *Cortejo Brincante Abayomi* com sua viola e escreveu essa licença que retirei da página virtual da cooperativa na Internet.

Outra frente de trabalho da Cooperativa Abayomi constitui-se em *As Vivências Lúdicas* que é uma sensibilização através de jogos, brincadeiras da tradição popular.

A cooperativa tem ainda concebidas duas exposições: *Retalhos do Brasil* e *Ritmos do Brasil*. A exposição *Retalhos do Brasil* revela o trabalho, a festa, a religião e os mitos em ambiência que valoriza a noção de brasilidade enquanto vitalidade e invenção e cores. Segundo as integrantes da cooperativa, fazer a exposição itinerante *Retalhos do Brasil* é compartilhar o ofício criativo de fazer bonecas, remontando as memórias afetivas e culturais inspiradas na riqueza do acervo popular e na potencialidade das ações coletivas, e em manter viva a herança cultural brasileira. A exposição retrata cenas que fazem parte da vida comum dos brasileiros, como o casamento, o futebol e a família. Os personagens são apresentados como se estivessem saindo de um livro de histórias desenvolvendo, a partir daí, todos os outros núcleos.



Figura 22- Peça Abayomi *O trabalho*

Floresta mitológica é uma instalação desta exposição onde se apresentam os mitos e as lendas que fazem parte do imaginário popular como o saci-pererê, a cuca, e a sereia. O Sagrado, outro ambiente da exposição, apresenta a religiosidade brasileira através do sincretismo entre religiões africanas e o catolicismo, com a representação de imagens de santos, entidades ou divindades em um espaço mágico, com fitas de cetim, palha da guiné, terços, figas, patuás*, velas, flores de papel-crepom, copos com água, numa mistura de altar com sala, gongar* e sala de ex-votos*.

Já a exposição *Ritmos do Brasil* apresenta os folguedos brasileiros representados nas festas do Bumba-meu-boi*, do Carnaval*, das Caixeiros do Divino*, entre outras.

A *Oficina do Bebê Abayomi* realizada pela cooperativa já envolveu cerca de onze mil pessoas que trabalharam auto-estima através da identidade visual. Segundo as integrantes da cooperativa, o “bebê” vai de encontro à memória afetiva das

pessoas, elas acreditam que através dessa oficina a discussão sobre auto-estima passa pelo coração e pelo afeto fazendo com que não haja resistência para se tratar deste tema. Neste encontro, acontece uma dinâmica de sensibilização que promove o fortalecimento da auto-estima de negros, onde os retalhos são dispostos em forma circular na ordem de serem manuseados, facilitando o acesso dos participantes ao material e criando uma forma estética e colorida que remete as pessoas à apreciação de uma mandala*. Durante a dinâmica cada participante confecciona um “bebê abayomi”.



Figura 23- Lena preparando a mandala que disponibiliza os materiais da oficina realizada na escola Oga Mitá, Tijuca, RJ, Setembro de 2005



Figura 24- Lena vestindo o bebê junto a Filipe Nascimento, aluno da escola Oga Mita



Figura 25- Bebê Abayomi

O *Treinamento para geração de renda* é outro curso ministrado pelas integrantes Abayomi que ensina alguns jogos e brincadeiras tradicionais da cultura brasileira e algumas técnicas de artesanato utilizando sobras do lixo urbano. Este curso propõe a criação de brinquedos e objetos utilitários, investigando a criatividade dos participantes para “o fazer” e o reaproveitamento de matérias-primas disponíveis na comunidade em que o treinamento se

realiza. Esta é uma oportunidade de se apontar que os brinquedos e as brincadeiras podem ser confeccionados por cada um, que não é preciso comprar sempre o produto pronto nem tampouco a diversão formatada. Os participantes podem criar e reinventar tais brinquedos a partir das lembranças, dos desejos e da cultura material do ambiente em que se vive.

2.3 Ideologia Abayomi

A criação Abayomi se baseia na fé, no poder das imagens, pois cada boneca confeccionada possui características particulares, padrões estabelecidos na cor e na forma, na sugestão de movimentos, que a individualiza, já “nascendo” envolvida numa história, e sentimentos.

Hall (2004) distingue três concepções de identidade – a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico, e a do sujeito pós-moderno. A primeira está baseada no ser humano como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. Uma concepção individualista, onde o sujeito nasce e se mantém essencialmente o mesmo, “contínuo e idêntico”.

A noção de sujeito sociológico reflete a complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo não era auto-suficiente, mas formado na relação com outras pessoas importantes para ele onde compartilhavam dos mesmos valores, sentidos e símbolos, ou seja, da mesma cultura que ele. Nessa perspectiva, o alinhamento dos significados e dos valores e com isso, os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupam no mundo social e cultural, amarram o sujeito à estrutura vigente estabilizando tanto esses sujeitos quanto os mundos culturais tornando-os unificados e previsíveis (idem).

A concepção de identidade no sujeito pós-moderno apresenta-se de forma não fixa, essencial ou permanente em função do colapso resultante das mudanças estruturais e institucionais. Para o autor, a identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Logo a identidade plena e unificada é uma fantasia, ao invés disso, conforme os sistemas de significação e representação cultural que se multiplicam, nos envolvemos a iguais identidades cambiantes com as quais poderíamos nos identificar temporariamente (ibidem).

Quando observamos uma sociedade vemos que os valores são convenções valorizadas como, por exemplo, educação, paz,

hospitalidade, esportes e é possível afirmar que tais valores têm níveis de preferência estabelecidos. Todos eles geram algum tipo de conduta. Os valores, assim como os desejos e os interesses, são infinitamente variáveis. É por isso que, ao conviverem entre si, os homens tendem a valorizar as mesmas coisas, de forma que essa convivência se dê harmoniosamente.

Os valores sociais são aqueles gerados pela situação de associação em que os homens se encontram e que contribuem para sua própria manutenção. Por isso mesmo, Durkheim (1937) atribuiu aos valores a característica de coerção social, o poder de induzir pessoas a um determinado comportamento. A transmissão desses valores comuns de uma geração para outra é chamada socialização, que também é uma forma inconsciente de coerção social.

Toda organização é fundamentada em valores comuns. Mas, pela própria natureza humana, estes valores podem assumir os mais variados conteúdos: são as crenças e os ritos de uma religião, a solidariedade e o respeito em uma família. A cultura está presente e se reflete em toda ação humana ao passo que a produção material de um determinado grupo corporifica características de sua cultura, reflete suas crenças, conhecimentos, ideologias e valores.

Um conjunto de valores constitui uma ética, ou seja, princípios coerentes que orientam a ação. Cada um pode ter sua ética, mas não é o que tende a ocorrer quando se está organizado. Para que os comportamentos sejam compatíveis, os valores devem estar interligados, assimilando-se a um sistema. São os sistemas de valores ou as éticas que dirigem uma sociedade. No entanto, uma alteração em um dos elementos afeta todo o conjunto. A esse fato se deve a força de cada valor, uma vez que cada um deles é fundamental para a estabilidade e a harmonia da sociedade. Assim, conclui-se que são sinais de crise ou de mudança as situações onde ocorrem diferenças de valores dentro de uma sociedade.

O termo ideologia aparece pela primeira vez em 1801 no livro *Eléments d'Idéologie* de Destutt de Tracy (CHAUÍ, 1988). Juntamente com o médico Cabanis, com De Gerando e Volney, Destutt de Tracy pretendia elaborar uma ciência da gênese das idéias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. Elabora a teoria sobre as faculdades sensíveis, responsáveis pela formação de todas as nossas idéias: querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção) e recordar (memória). Tracy (em CHAUÍ, 1988) procura analisar que os efeitos de nossas ações voluntárias concernem à nossa aptidão para prover nossas necessidades materiais.

Em suas considerações, o autor procura saber como atuam sobre o indivíduo e sobre a massa, o trabalho e as diferentes formas da sociedade: família e corporação.

A visão de ideologia defendida por Marx não a considera sinônimo de subjetividade oposta à objetividade, não a considera pré-conceituosa, mas um fato social produzido pelas relações sociais e que definitivamente, não é um amontoado de idéias falsas que prejudicam a ciência, mas uma certa maneira da produção das idéias pela sociedade, por formas históricas determinadas das relações sociais. Chauí (1988) enfatiza a necessidade de se entender o tipo de pensamento determinado examinado por Marx e que nesse caso pressupõe a filosofia de Hegel.

Da concepção hegeliana, Marx conserva o conceito de dialética como movimento interno de produção da realidade cujo motor é a contradição que se estabelece entre homens reais em condições históricas e sociais reais e se chama luta de classes. A história mencionada é tanto a história do modo real, como os homens reais produzem suas condições reais (pelo consumo dos bens naturais, pelo trabalho, pela divisão social, pela forma da propriedade), quanto pelo modo como os homens interpretam essas relações (interpretação imaginária, interpretação real).

A realidade é um movimento de contradições que produzem e reproduzem o modo de existência social dos homens, e que, realizando uma volta completa sobre si mesma, pode conduzir à transformação desse modo de existência social. (CHAUÍ, 1988)

Chauí afirma que Marx discursa sobre a consciência, que esta é indissolivelmente ligada às condições materiais de produção da existência, das formas de intercâmbio e de cooperação, e as idéias nascem da atividade material. Isto não significa, porém, que os homens representem nessas idéias a realidade de suas condições materiais, mas representam o modo como essa realidade lhes aparece.

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como de classes e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais

identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado. (CHAUÍ,1988).

Na Cooperativa Abayomi, entendo como ideologia esse conjunto organizado e coerente de idéias que servem de parâmetros para a conduta individual e coletiva que defende Chauí (1988). A ideologia implica numa interpretação da realidade a partir de uma posição social específica, de princípios com o intuito de justificar a estética e as decisões que são tomadas pelo grupo.

A noção de ideologia na cooperativa pode ser entendida, portanto, como uma crença em valores específicos de um grupo, valores estes que respondam às questões enfrentadas por esse grupo na sua sobrevivência. É uma doutrina, um código de conduta, em condições nas quais tendo alguma liberdade de escolha, o indivíduo irá agir de acordo com os seus princípios, com o que considera bom ou ruim, o que conduzirá tanto os fins quanto os meios de sua ação. As ideologias estão presentes em todas as sociedades, podendo ou não ser conflituosas. Isto dependerá dos próprios ideais que ela contiver e do contexto social em que ela se encontrar, isto é, de sua interação com outros códigos de conduta presentes na sociedade em questão.